

Entre Sísifo e Job: Repetição e Existência em Kierkegaard*

Between Sisyphus and Job:

Repetition and Existence in Kierkegaard

DOI:10.12957/ek.2015.19909

Dr. Jonas Roos

jonas.roos@yahoo.com.br

Universidade Federal de Juiz de Fora

O artigo analisa o conceito de repetição como experimentado pelo personagem Constantin Constantius, em *A repetição*, obra pseudônima de Kierkegaard. A partir desta análise inicial o texto compara a situação de Constantius com a de Sísifo; ambos experimentam um tipo de repetição mecânica, destituída de sentido. A partir desta comparação o artigo analisa algumas partes de *As obras do amor* e procura mostrar que o conceito de amor fornece uma perspectiva para compreender a repetição não em um sentido mecânico, mas como prenhe de sentido. O amor, como Kierkegaard o entende, fornece uma perspectiva de continuidade para a existência..

PALAVRAS CHAVE Kierkegaard. Repetição. Sísifo. Job. Amor. Existência

The article analyses the concept of repetition as experienced by Constantin Constantius in *Repetition*, a pseudonymous work of Kierkegaard. From this initial analysis the text compares the situation of Constantius with that of Sisyphus; both Constantius and Sisyphus experience a kind of mechanical repetition, devoid of meaning. From this comparison the article analyzes some parts of *Works of Love* and seeks to show that the concept of love provides a perspective to understand repetition not in a mechanical sense, but as meaningful. Love, as Kierkegaard understands it, provides a perspective of continuity for existence.

KEYWORDS Kierkegaard. repetition. Sisyphus. Job. Love. Existence.

* Texto apresentado na XIV Jornada Internacional de Estudos de Kierkegaard, “o silêncio da solidão: tornar-se singular em Kierkegaard”, de 3 a 7 de novembro de 2015, UFRJ, UERJ, IFEN, Rio de Janeiro

A proposta deste texto é comparar a ideia de repetição, como experimentada por Constantin Constantius, n' *A Repetição*, com a situação de Sísifo, como descrita por Albert Camus, e traçar, então, algumas reflexões a partir de *As Obras do Amor*, propondo o conceito de amor como uma perspectiva para a superação da *repetição mecânica*, como vivenciada por Constantius. O que proponho, portanto, não é comparar Kierkegaard e Camus em geral, mas, a partir deste diálogo específico, mostrar como Kierkegaard parte de um problema que se tornará importante para o existencialismo e encaminha uma solução a partir de seu peculiar conceito de cristianismo, com marcada centralidade no amor.

1. Constantin Constantius e a repetição

O livro *A Repetição* traz, em suas primeiras páginas, uma série de elogios ao próprio conceito de repetição, como tecidos por Constantin Constantius. Quero iniciar com alguns exemplos:

O amor da repetição é na verdade o único feliz [...]

A repetição é um vestuário inalterável, que assenta firme e delicadamente, não aperta nem flutua [...]

A repetição é uma amada esposa de quem nunca se fica farto; porque só do novo se fica farto. Nunca se fica farto do que é velho; e, quando se tem o que é velho perante si, fica-se feliz; e só fica plenamente feliz aquele que não se ilude imaginando que a repetição deveria ser algo de novo; pois nesse caso fica-se farto dela. É preciso juventude para ter esperança, juventude para recordar, mas é preciso coragem para se querer a repetição [...]

A repetição é o pão de cada dia que abençoadamente satisfaz [...]

A repetição é a realidade, e é a seriedade da existência. Aquele que quer a repetição amadureceu em seriedade [...]

Sim, se não houvesse repetição, o que seria a vida? (KIERKEGAARD, 2009, p. 32-33).

Como atesta especialmente este último elogio de Constantius à repetição, tal conceito está relacionado à questão do sentido da vida. De qualquer modo, entretanto, a própria obra nos deixa um tanto confusos com relação ao conceito de repetição. Vigilius Haufniensis, em *O Conceito de Angústia*, atesta tal impressão quando afirma que a palavra *repetição*, no livro de Constantius, “ora significa tudo, ora a coisa mais insignificante de todas” (KIERKEGAARD, 2010, p. 20). E Haufniensis ainda nos recorda que Constantius escreve assim – lembrando Clemente de Alexandria – “para que os hereges não o compreendam” (KIERKEGAARD, 2010, p. 20).

Não penso que Kierkegaard simplesmente escreva para não ser compreendido; a mim, isso soa absurdo. Mas escreve para não ser compreendido por quem não tem a disposição de ânimo (*Stemning*) para compreendê-lo. Com relação à obra assinada por Constantius, Kierkegaard anota em seus papéis: “eu escondi a ideia principal para excluir os heréticos de entenderem o livro na piada conceitual, e assim eu publiquei o livro isento de qualquer importância ou pretensão” (Kierkegaard, 1983 [*Supplement*], p. 298). Se Constantius escreve para não ser compreendido por quem não tem a *Stemning* adequada para compreendê-lo, parece-me que tal *Stemning* implica justamente uma atitude, por parte do leitor, de *experimentar os desdobramentos do conceito na própria existência ao acompanhar as experimentações psicológicas do personagem*.

Constantius, então, viaja mais uma vez a Berlim a fim de provar a si mesmo se a repetição é possível e que importância ela tem (Kierkegaard, 2009). Em sua primeira viagem Constantius havia encontrado muito prazer, o que pode ser claramente percebido por suas reminiscências, descritas em tons bastante poéticos. Chegando a Berlim, em sua segunda visita, Constantius vai logo procurar o lugar onde se hospedara anteriormente, buscando o mesmo prazer estético de antes. Nisso, entretanto, não encontra satisfação, e a repetição não se efetiva. Entretanto, a própria cidade também estava muito diferente: “Berlim estava em acto de contrição [...] toda a cidade estava envolta numa nuvem de poeira” (Kierkegaard, 2009, p. 56). Onde quer que fosse, Constantius encontrava uma experiência muito diferente e distante do prazer anterior. Quem sabe, então, o teatro, que fora tão perfeito anteriormente? Nas palavras de Constantius: “[...] Beckmann [um dos atores] não conseguia fazer-me rir. Durante meia hora aguentei-me, depois deixei o teatro e pensei: não há repetição alguma” (KIERKEGAARD, 2009, p. 73-74). Na página seguinte o autor continua:

Para onde quer que me virasse ou dirigisse, tudo era baladado [...] Depois de isto se ter repetido durante alguns dias, fiquei tão irritado, tão aborrecido com a repetição, que decidi voltar para casa. A minha descoberta não era significativa, e contudo era curiosa; pois havia descoberto que simplesmente não existe repetição e tinha-me convencido disso à custa de o ver repetido de todas as maneiras possíveis (KIERKEGAARD, 2009, p. 76).

É interessante notar como o texto, sob diferentes matizes, repete esta experiência da falta de repetição. Aonde quer que vá, Constantius não encontra prazer ou sentido: o seu aposento havia se tornado incômodo, nada lá lhe dava prazer e, assim, se constituía naquilo que chamava de uma *repetição invertida* (Kierkegaard, 2009, p. 74). Assim também a experiência no café, a experiência no restaurante ou a própria cidade. E nesse ponto da obra, as constantes afirmações de falta de repetição contrastam com aqueles elogios iniciais tecidos por Constantius à repetição.

Constantius, entretanto, acaba por solucionar seu problema relativo à repetição de um modo bastante peculiar. De volta a sua casa imprime uma ordem rígida e exterior a tudo:

Em toda a minha economia instalara-se uma ordem monótona e uniforme. Tudo o que não podia andar – estava no seu lugar definido, e o que podia andar progredia no seu andamento pré-determinado: o meu relógio da sala, o meu criado e eu próprio, que com passos medidos percorria o pavimento para cá e para lá. Apesar de ter me convencido de que não existe repetição, continua contudo a ser sempre verdade e coisa certa que, com inflexibilidade e também embotando as nossas faculdades de observação, se consegue obter uma uniformidade que tem um poder de longe mais atordoante do que as mais divertidas distrações e que com o correr do tempo se vai tornando cada vez mais forte, como uma fórmula encantatória (KIERKEGAARD, 2009, p. 83).

2. Constantin Constantius e Sísifo

A questão colocada em jogo por Kierkegaard obviamente não diz respeito ao fato bruto daquilo que se repete ou não – pois o próprio Constantius pode repetir sua ida ao teatro ou ao café quantas vezes quiser –, mas ao sentido que percebemos ou não naquilo que se repete e, deste modo, à repetição que imprimimos a nós mesmos e à nossa relação para com a realidade. É uma questão de interioridade. A questão existencial diz respeito a esta situação absurda da existência onde se fica preso a séries de repetições sem sentido. Nesses termos, o problema com o qual Kierkegaard faz Constantius lidar em *A Repetição*, é semelhante ao de Sísifo. Segundo Albert Camus, em *O Mito de Sísifo*, o que vemos nesse mito é,

todo o esforço de um corpo tenso ao erguer a pedra enorme, empurrá-la e ajudá-la a subir uma ladeira cem vezes recomeçada; vemos o rosto crispado, a bochecha colada contra a pedra o socorro de um ombro que recebe a massa coberta de argila, um pé que a retém, a tensão dos braços, a segurança totalmente humana de duas mãos cheias de terra. Ao final desse prolongado esforço, medido pelo espaço sem céu e pelo tempo sem profundidade, a meta é atingida. Sísifo contempla então a pedra despencando em alguns instantes até esse mundo inferior de onde ele terá que tornar a subi-la até os picos. E volta à planície (CAMUS, 2010, p. 122).

Trata-se de uma vida maquinal e sem sentido. A conclusão à qual chegara Constantius, de que simplesmente não há repetição, é, ao fim e ao cabo, a conclusão de que a vida não tem sentido. E o próprio Constantius, então, vem a assemelhar-se com um Sísifo. Prestemos atenção aos termos com os quais Constantius descrevera sua situação: “uma ordem monótona e uniforme”; “tudo o que não podia andar – estava no seu lugar definido”; o que podia andar seguia seu “andamento pré-determinado”. E não parece ser à toa que numa mesma frase Constantius coloque a si mesmo e ao seu criado em paralelo com o seu relógio da sala! Eis a vida maquinal, rolar a pedra sempre de novo. E Constantius fala ainda em “inflexibilidade”, “uniformidade”, “poder atordoante”. Fala também do *correr do tempo*, como se o tempo fosse algo de exterior ao indivíduo. Convém lembrar, nesse contexto, que Climacus, no *Interlúdio de Migalhas Filosóficas*, afirma que o histórico, no sentido estrito, é dialético

em relação ao tempo¹. Do contrário não haveria a possibilidade de tornar-se. E Constantius é um Sísifo.

Voltando a Camus:

Cenários desabarem é coisa que acontece. Acordar, bonde, quatro horas no escritório ou na fábrica, almoço, bonde, quatro horas de trabalho, jantar, sono e segunda terça quarta quinta sexta e sábado no mesmo ritmo, num percurso que transcorre sem problemas a maior parte do tempo. Um belo dia surge o “porquê” e tudo começa a entrar numa lassidão tingida de assombro. “Começa”, isto é o importante. A lassidão está ao final dos atos de uma vida maquinal, mas inaugura ao mesmo tempo um movimento da consciência (CAMUS, 2010, p. 27).

É justamente porque Constantius tem momentos de consciência que pode se colocar a seguinte pergunta: “Sim, se não houvesse repetição, o que seria a vida?” (KIERKEGAARD, 2009, p. 32-33). Vale notar que essa mesma situação de repetições sem sentido e de viver como um Sísifo fora experimentada também, n’*A Repetição*, pelo jovem:

Todas as manhãs barbeio-me de tudo o que em mim é ridículo; de nada serve, na manhã seguinte a minha barba volta ao mesmo tamanho. Revogo-me a mim mesmo, como o banco recolhe uma sua nota para pôr uma nova em circulação; não funciona (KIERKEGAARD, 2009, p. 126).

Segundo Constantius, se não se dispõe nem da categoria de recordação nem da de repetição, a vida dissolve-se toda ela num ruído vazio e sem sentido (Kierkegaard, 2009). Entretanto, se o jovem, de fato, chegou a experimentar uma ausên-

¹ “o devir pode incluir em si uma reduplicação, isto é, uma possibilidade de devir no interior de seu próprio devir. Aqui reside o histórico no sentido mais estrito, que é dialético em relação ao tempo. O devir, que é aqui o que há de comum com o vir-a-ser da natureza, é uma possibilidade, uma possibilidade que para a natureza é toda a sua realidade. Mas este devir histórico propriamente dito é interior a um devir, jamais poder-se-á perder isso de vista” (KIERKEGAARD, 1995, p. 110).

cia de sentido, semelhante àquela de Constantius e de Sísifo, esta ausência, como sabemos, não foi o último ponto alcançado pelo jovem que, de modo inesperado, experimentou a repetição. Pretendo agora propor alguns desenvolvimentos conceituais presentes em *As Obras do Amor* como perspectiva de leitura para o problema da falta de sentido decorrente das repetições exteriores da vida, aqui representado, de modo muito especial, por Constantin Constantius.

3. O amor como perspectiva para o problema da repetição

Vimos que Constantius encontrara conforto na necessidade de seus movimentos mecânicos. Como se a repetição possível fosse algo da ordem da necessidade, e não da liberdade. Curiosamente, o livro *A Repetição* fora interpretado por esse viés, como se a repetição devesse ser entendida sob a categoria da necessidade. Sabemos que em dezembro de 1843 Johan Ludwig Heiberg publicou seu anuário *Urania*, onde consta uma resenha sua de *A Repetição*. Naquele texto Heiberg demonstrou ter compreendido muito mal o livro de Kierkegaard, como se a repetição dissesse respeito aos movimentos da natureza e dos astros (Heiberg era, entre tantas outras coisas, um astrônomo amador)². Importante para nosso propósito aqui, contudo, é o que Vigilius Haufniensis afirma, sem dúvida tendo essa resenha em mente (à qual inclusive se refere explicitamente), em uma nota de *O Conceito de Angústia*:

Na esfera da natureza, a repetição está em sua inabalável necessidade. Na esfera do espírito, a tarefa não consiste em se extrair da repetição uma mudança, e procurar sentir-se mais ou menos bem sob a repetição, como se o espírito estivesse numa relação apenas exterior com as repetições do espírito (segundo as quais o bem e o mal alternariam como verão e inverno), mas a tarefa consiste em converter a repetição em algo de interior na tarefa própria da liberdade, no seu supremo interesse, se ela verdadeiramente pode, enquanto tudo à volta se modifica, realizar a repetição (KIERKEGAARD, 2010, p. 20).

² Kierkegaard escreveu uma resposta à resenha de Heiberg, que nunca chegou a publicar, onde afirma: “quando me aventurei a publicar um pequeno livro sobre a repetição [...] não era meu interesse publicar um livro bem lustroso e elegante, apropriado a crianças e pinheirinhos de natal, um livro especialmente útil como um presente de bom gosto.” (KIERKEGAARD, 1983 [Supplement], p. 298).

A repetição, portanto, está relacionada à interioridade e à liberdade. Em *As Obras do Amor*, Kierkegaard argumenta que o dever de amar é justamente o que dá liberdade e torna um indivíduo independente. A preocupação de Kierkegaard nesta obra é certamente ética, mas tal preocupação não está desconectada de um sentido existencial, que nos interessa particularmente aqui.

No contexto de *As Obras do Amor* a liberdade somente surge a partir de uma relação corretamente estabelecida com o dever (KIERKEGAARD, 2005). Na transformação da eternidade que assume o dever de amar o próximo, a regra de ação passa a encontrar-se na interioridade do indivíduo, de modo que ele vem a ser independente em relação ao objeto do amor e, precisamente por isso, pode amar ao próximo. Segundo Kierkegaard,

o amor que se submeteu à transformação da eternidade em se tornando dever, e ama porque deve amar, é independente, tem a lei de sua existência na própria relação do amor para com o eterno. Este amor jamais pode tornar-se dependente no sentido não verdadeiro, pois a única coisa de que ele depende é o dever, e o dever é a única coisa que liberta. O amor imediato torna um ser humano livre, e no instante seguinte dependente. [...] O dever, ao contrário, torna um homem dependente e no mesmo instante eternamente independente. “Só a lei pode dar a liberdade” (KIERKEGAARD, 2005, p. 56).³

Tal liberdade dada pelo amor irá incidir precisamente sobre o hábito rotineiro. Uma vez que o amor é interiorizado e a regra de sua ação está em si mesmo ele se torna independente das qualidades ou mudanças do objeto. Para o contexto dessa discussão é importante que em tal independência o amor tem a capacidade de, a partir da interioridade, imprimir novidade naquilo que se repete e libertar-se do hábito. Vejamos como Kierkegaard caracteriza o problema do hábito n’ *As Obras do Amor*,

³ Esta última formulação, “Só a lei pode dar a liberdade”, deve ser lida com cuidado. Kierkegaard está pensando, nesse contexto, na lei do amor que é interiorizada e que, nisso, dá liberdade, e de modo algum numa heteronomia que, obviamente, não poderia fundamentar a liberdade. No limite, só o amor pode fundamentar a liberdade.

O hábito não é como os outros inimigos, que a gente vê e contra os quais a gente se defende lutando, a luta aqui é propriamente consigo mesmo, para tratar de visualizar o hábito [...] o hábito tem esse poder; ele se infiltra sorrateiramente, criando letargia, num homem, e quando o consegue então suga o sangue do adormecido, enquanto o refresca e lhe torna o sono ainda mais ameno (KIERKEGAARD, 2005, p. 54).

Nesse contexto, lembremos algumas palavras de Constantius:

embotando as nossas faculdades de observação, se consegue obter uma uniformidade que tem um poder de longe mais atordoante do que as mais divertidas distrações (KIERKEGAARD, 2009, p. 83).

Ou, ainda, lembrando Camus:

Acordar, bonde, quatro horas no escritório ou na fábrica, almoço, bonde, quatro horas de trabalho, jantar, sono (CAMUS, 2010, p. 27).

N'As *Obras do Amor* Kierkegaard encaminha a questão do hábito justamente ao relacionar a imutabilidade do dever, entendido enquanto eterno, à mutabilidade do temporal:

Só o eterno, e portanto aquilo que se submeteu à transformação da eternidade em se transformando em dever, constitui o imutável, mas o imutável justamente não pode transformar-se em hábito. Por mais firmemente que um hábito se estabeleça, jamais se torna o imutável, mesmo se o homem se tornasse incorrigível; pois o hábito é sempre aquilo que *deveria ser modificado*, e o imutável, ao contrário, é aquilo que nem *pode* e nem *deve* ser modificado, mas o eterno jamais envelhece e jamais se torna um hábito rotineiro (KIERKEGAARD, 2005, p. 54).

Penso que a solução aqui apresentada deve ser compreendida pela perspectiva da centralidade do paradoxo no pensamento de Kierkegaard. Em *Migalhas Filosóficas*, o paradoxo é entendido justamente como a entrada do eterno no tempo. Tornar-se cristão implica, para Kierkegaard, naquilo que chama de *Efterfølgelse*, que em português pode ser traduzido por imitação ou discipulado. Tal imitação implica justamente em tornar-se a verdade à semelhança de Cristo, ou seja, viver na temporalidade a partir de um critério eterno, a partir de uma relação com o eterno. Tal perspectiva responde ao problema do hábito rotineiro e à questão da repetição. Cabe sublinhar, contudo, que se no trecho d’*As Obras do Amor*, recém citado, Kierkegaard afirmara que “o eterno jamais envelhece e jamais se torna um hábito rotineiro”, em *O Conceito de Angústia*, Haufniensis afirmara que “a eternidade é a verdadeira repetição”.

A repetição é dependente dessa articulação entre eternidade e temporalidade. É por essa razão que Kierkegaard entende tratar-se de um movimento transcendente ou categoria religiosa. Em sua resposta à resenha de Heiberg, o qual perdera justamente este ponto, Kierkegaard escrevera o seguinte:

Quando o movimento é admitido em relação à repetição na esfera da liberdade, então o desenvolvimento se torna diferente do desenvolvimento lógico em que a *transição vem a ser* [vorder]. Na lógica, a transição é o silêncio do movimento, ao passo que na esfera da liberdade ele vem a ser. Assim, na lógica, quando a possibilidade, por meio da imanência do pensamento, se determinou como realidade efetiva, apenas se perturba o silencioso auto-isolamento do processo lógico ao se falar sobre movimento e mudança. Na esfera da liberdade, contudo, a possibilidade permanece e a realidade efetiva emerge como uma transcendência (KIERKEGAARD, 1983 [Supplement], p. 309-310).

Nesse contexto, transcendência diz respeito a algo novo que se torna efetivo. A transição, portanto, não é puramente conceitual, mas diz respeito a uma mudança do possível para o real. Aqui se opera no âmbito da fé e do paradoxo.

Em *Temor e Tremor* Abraão somente recebe Isaac novamente depois de tê-lo abandonado. A resignação é pré-condição para a repetição enquanto retomada. Entretanto, uma vez que toda a energia é concentrada no abandono, na

resignação, não é possível, por essa mesma energia, retomar o que foi abandonado; daí que o movimento é paradoxal e, nesse sentido, transcendente.

É certo que a repetição é pensada por Kierkegaard com relação à fé. E a proposta desse texto é mostrar que o conceito de amor, como elaborado em *As Obras do Amor*, lança luz sobre o problema da repetição. É importante ter em mente aqui que fé e amor, embora sejam distintos, não podem ser separados no pensamento de Kierkegaard. Não parece ser à toa que quem captou com clareza tal conexão foi justamente o jovem quando se debruçava sobre a situação de Job. Como se estivesse cara a cara com o próprio Job, o jovem diz:

Quando toda a existência se abateu sobre ti e se espalhou à tua volta como cacos de uma bilha, terás tu tido prontamente essa contenção sobre-humana, *terás tido prontamente a interpretação do amor, a franqueza da confiança e da fé?* (Kierkegaard, 2009, p. 103, grifo meu)⁴.

E, adiante:

Job *mantém-se firme* na sua afirmação, fazendo-o de tal maneira que nele *são visíveis o amor e a confiança* (KIERKEGAARD, 2009, p. 118, grifo meu).

N’*A Repetição*, o jovem nos mostra que não realizar a repetição significa justamente não encontrar a si mesmo. Em um de seus momentos de maior desespero ele afirma:

A minha vida atingiu um ponto extremo; a existência provoca-me náuseas, é insípida, sem sal nem significado. Mesmo que eu tivesse mais faminto do que Pierrot, não

⁴ Este tom pessoal, tom de conversa cara a cara que o jovem estabelece com Job, de modo algum é mero detalhe estilístico n’*A Repetição*. Esta forma de escrita tem a ver com o núcleo do pensamento de Kierkegaard e pode ser entendida como o desdobramento de seu entendimento de paradoxo. Especialmente três pontos merecem destaque aqui: 1) verdade é algo que acontece num encontro pessoal; 2) a hermenêutica bíblica de Kierkegaard sempre gira em torno de colocar o leitor na cena e “exigir” uma tomada de posição diante da situação (neste caso, por analogia a tornar-se contemporâneo de Cristo); 3) a verdade existencial não se estabelece de modo doutrinário ou sob a forma de tratados, mas no enfrentamento com um modo de vida.

gostaria contudo de engolir a explicação que as pessoas oferecem. Enfia-se um dedo no solo para cheirar o tipo de terra em que se está; eu enfio o dedo na existência – não cheira a nada (KIERKEGAARD, 2009, p. 107).

Por outro lado, vimos que ao final o jovem percebera que o amor e a fé estabelecem uma perspectiva⁵ de *continuidade*. Nas palavras do jovem: *Job mantém-se firme na sua afirmação, e isso revela nele o amor e a confiança*. É fundamental que se perceba que em meio às mais extremas vicissitudes, Job mantém *continuidade* consigo mesmo. É nesse sentido que a fé e o amor fornecem uma perspectiva para a compreensão da repetição.

Para exemplificar esta questão, trarei à tona um problema tipicamente grego e que é abordado por Kierkegaard em dois textos cruciais para esta discussão: nos *Três Discursos Edificantes* que foram publicados no mesmo dia que *Temor e Tremor* e *A Repetição*, e, em *As Obras do Amor*. Sabemos que Sófocles, em *Édipo Rei*, nos mostra um Édipo afortunado e feliz. De repente, contudo, os ventos mudam, e aquele que era o mais feliz dos habitantes de Tebas torna-se o mais infeliz de todos. E a tragédia termina aconselhando: “Guardemo-nos de considerar um homem feliz antes que ele tenha transposto o termo de sua vida sem ter conhecido a tristeza” (SÓFOCLES, p. 2009, p. 104).

Nos *Três Discursos Edificantes* de 1843 lemos:

nenhum amor era feliz, assim como ninguém no paganismo era feliz antes que a última hora chegasse, a qual por sua vez podia apenas zombar amargamente do indivíduo com a ideia de que ele houvera sido feliz! Não é de admirar que a dor infiltrava-se em toda alegria, que no momento seguinte, mesmo no momento do gozo, incessantemente caminhava ao seu lado tão alarmante quanto a figura da morte! (KIERKEGAARD, 1990, p. 56).

⁵Perspectiva é termo crucial neste contexto. Não se trata de solução final, mas de modo de enxergar a realidade. Não é à toa que Kierkegaard entenda fé como paixão. Pensando a analogia, numa relação apaixonada os amantes não têm todos os seus problemas resolvidos. A paixão, contudo, fornece uma nova perspectiva aos amantes. Estar na relação apaixonada ou estar fora dela são, da perspectiva do amante, casos qualitativamente distintos. Note-se, contudo, que a pessoa apaixonada pode viver os mesmos problemas que vivia antes de estar na relação apaixonada, mas com a diferença de percebê-los e lidar com eles sob uma nova perspectiva. A perspectiva não muda a realidade, mas instaura uma mudança qualitativa, um novo modo de lidar com a realidade, com o que acaba por mudar a realidade.

É preciso esperar a chegada da última hora para dizer-se feliz? Ou haverá algum modo de conceber uma continuidade na existência? Uma continuidade com relação à felicidade ou ao sentido? É possível uma tal continuidade enquanto manifestação da repetição? N' *O Conceito de Angústia*, Haufniensis afirma que *a continuidade é a primeira manifestação da salvação* (KIERKEGAARD, 2010). Trata-se da experiência de, nos termos do jovem, voltar a ser eu mesmo. O que tentei mostrar foi que tal experiência pode ser iluminada pelo modo como Kierkegaard articula fé e amor, personificando-os na figura de Job, e conceituando a relação em *As Obras do Amor*. Fé e amor como constituintes fundamentais da interioridade e, portanto, da própria possibilidade de repetição.

Recebido em: 30/11/2015 Aprovado em: 25/02/2016

Referência Bibliográfica

CAMUS. *O Mito de Sísifo*. Trad. de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2010.

KIERKEGAARD, Søren. *O Conceito de Angústia*. Trad. e Posfácio de Álvaro Luiz Montenegro Valls. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. *A Repetição*. Trad., int. E notas de José Miranda Justo. Lisboa: Relógio d'Água: 2009.

_____. *As Obras do Amor: algumas considerações cristãs em forma de discursos*. Trad. de Álvaro L. M. Valls e revisão de Else Hagelund. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

_____. *Gjentagelsen – Frygt og Bæven – Philosophiske Smuler – Begrebest Angest – Forord*. Ed. pelo Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997.

_____. *Migalhas Filosóficas: ou um bocadinho de filosofia de João Clímacus*. Trad. de Ernani Reichmann e Alvaro L. M. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

_____. *Eighteen Upbuilding Discourses*. Ed. e trad. com introdução e notas de Howard V. Hong e Edna H. Hong. New Jersey: Princeton University Press, 1990.

_____. *Fear and Trembling – Repetition*. Ed. e trad. com introdução e notas de Howard V. Hong e Edna H. Hong. New Jersey: Princeton University Press, 1983.

_____. *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. Ed. e trad. de Howard V. Hong e Edna H. Hong com auxílio de Gregor Malantschuk. v. 1-6, v. 7 Index. Bloomington, London: Indiana University Press, 1967-78. (versão eletrônica).

SÓFOCLES. *Édipo Rei*. Trad. de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2009.